

Eliane Potiguara. *O vento espalha minha voz originária*. Rio de Janeiro: Grumín Edições, 2023. 138 p. ISBN: 978-65-00-65313-7

Eliane Potiguara é considerada a primeira escritora indígena brasileira, com publicações desde os anos 1970, junto a sua luta política pelos povos e mulheres indígenas. Em 2023, depois de quase dez anos de hiato do clássico livro *Metade Cara, Metade Máscara* (2004), publica *O Vento Espalha Minha Voz Originária*, preservando o seu estilo único de escrita que transita por diversos gêneros literários.

*O Vento Espalha Minha Voz Originária* é um título-poema que sintetiza a vida e a trajetória de Eliane, ativista que espalhou sementes de revolução nos quatro cantos do mundo, onde uniu sua voz a milhares de outras vozes indígenas que lutam por seus direitos de cidadãos, assegurando seus territórios sagrados e seus modos de ser e viver em liberdade.

A capa do livro é uma obra de arte feita especialmente para Eliane pelo artista macuxi Jaider Esbell, que nos deixou em 2021, após ganhar renome internacional no mundo das Artes e demarcar o seu “artivismo”, proposição artística interseccional entre arte, ancestralidade, espiritualidade, história, memória, política e meio ambiente e o conceito de “txaísmo”, modo de tecer relações de afinidades nos circuitos interculturais das artes contemporâneas pautadas pelo protagonismo indígena.

Assim como *Metade Cara, Metade Máscara*, *O Vento Espalha Minha Voz Originária* é um livro de difícil classificação, com elementos de diversos gêneros literários como a autobiografia, a poesia, o conto, a crônica e as narrativas orais de Eliane, que além de escritora, é uma militante da causa indígena e ativista da Literatura Indígena Brasileira. Essa escrita se manifesta como a Arte Indígena Contemporânea, numa proposição estética de desconstrução dos gêneros literários ocidentais e que configura mais uma das inovações que a Literatura Indígena traz para o campo dos Estudos Literários.

Eliane Potiguara, como mulher do seu tempo, atualiza sua escrita demonstrando seu ativismo. Numa intersecção entre literatura e educação, a escritora traz para as diversas narrativas do recente livro, a discussão sobre a lei 11.645/2008, que trata da obrigatoriedade do ensino da história e cultura indígena na educação brasileira, tema transversal que ainda está ausente nas salas de aula. Diz ela, na Introdução:

Reuni neste livro alguns de meus textos, como testemunhos, pequenas crônicas, ensaios, poemas, citações e contos, fruto de algum tempo de reflexão e trabalhos inéditos ou publicados em sites, revistas acadêmicas ou não, coletâneas poéticas e narrativas. Essa coletânea de textos objetiva servir de subsídios aos alunos e população jovem ou não, aos professores como material de discussão a fim de fazer jus à LEI 11.645, que incentiva o ensino das culturas indígenas nas escolas públicas e particulares de todo o país. Não tenho intenções que essa publicação tenha uma história narrada no interior dela como em outros trabalhos meus, como romance, por exemplo, como publiquei no meu livro anterior *Metade Cara, Metade Máscara*. Meu desejo é apenas citar esses momentos de minha vida em que faço extremas críticas ao sistema que vivemos, cujas políticas tentam retirar dos povos indígenas tudo aquilo que foi conquistado na Constituição Brasileira de 1988 e aquilo que foi abraçado pelas Declarações Universais (Declaração Internacional dos Direitos Indígenas das Nações Unidas) convenções nacionais e internacionais e outros instrumentos jurídicos (p. 11).

Potiguara também é professora, formada em Letras (Português-Literaturas) e Educação pela UFRJ e especializada em Educação Ambiental pela UFOP. Consciente de que uma das justificativas ainda usadas para não ensinar a Literatura Indígena é de que os professores não tem material didático nem preparação pedagógica para pôr em prática a lei, ela buscou publicar suas histórias, que vão justamente narrar a luta individual e coletiva que Eliane vem travando em sua vida de mulher indígena a reivindicar os direitos humanos de todos os povos.

Em 2021, a escritora recebeu o título de Doutora Honoris Causa pela UFRJ, onde estudou no início da década de 70. Ela é a primeira mulher indígena a recebê-lo no Brasil. Eliane é da etnia Potiguara, fundadora da primeira organização de mulheres indígenas GRUMIN/Grupo Mulher-Educação Indígena (1988) que hoje constitui-se na Rede de Comunicação Indígena e Grumin Edições. Sendo sempre pioneira como única mulher indígena presente nas frentes de luta, Eliane também participou da elaboração do capítulo sobre os indígenas na Constituição Brasileira de 1988.

Sua biografia está presente nos textos de *O Vento Espalha Minha Voz Originária* (2023) ora como testemunho, inclusive de violências e ameaças de morte, ora como pequenas crônicas de suas visitas à diversas aldeias indígenas ao redor do mundo, encontrando com outras etnias de mulheres indígenas. No ensaio “Histórias Invisíveis”, ela narra com a maestria de uma contadora de histórias, tradição indígena por excelência,

os primeiros encontros com outros escritores indígenas, formando assim um movimento que vem crescendo na última década pelo reconhecimento literário das escolas e universidades, assim como do mercado editorial:

*(...) Então, falar de Cantos e Cânticos e literatura indígena contemporânea é nos reportar ao passado e aos fatos históricos acontecidos. A “novidade” de outros poemas ou textos surgiu muito depois, na cola dos primeiros poetas e escritores indígenas brasileiros, como os jovens Olívio Jecupé que, na época, 1993, lançava seu primeiro livro, e Kaká Werá, em 1994, pessoas inconformadas, que realmente vinham de bases indígenas (...). Outros escritores vieram mais tarde a público, como Daniel Munduruku e sua geração formada por Yaguarê Yamã Aripunãguá, o saudoso Ely Macuxi, Roní Wasiry Guará, Tiago Hakiy Jaime Diakara, Auritha Tabajara, Edson Kayapó, Fernanda Kaingáng, o saudoso Jaider Esbel, Cristino Wapichana, entre outros que iam chegando e já se organizavam para futuros Seminários na FNLIJ (Feira Nacional do Livro Infantil e Juvenil), em 2003, no Rio de Janeiro (p. 43).*

Eliane segue na crônica pontuando a história da Literatura Indígena Brasileira, com ênfase na escrita das mulheres indígenas, que chegaram tardiamente no movimento por conta do patriarcado indígena que não é muito diferente do cenário da canônica Literatura Brasileira:

*(...) Graça Graúna surge em um dos meus pedidos ao Daniel Munduruku que a convidasse a fazer parte do movimento apoiado pela FNLIJ. Foi quando essa grande acadêmica escreveu o prefácio maravilhoso de meu livro, em 2004, e entrou anos depois para o movimento de escritores indígenas. (...) Hoje, 2022, temos muitas jovens e mais a grande escritora Márcia Wayna Kambeba, minha filha espiritual, chamada na sua ancestralidade de Omáua, que está aí em Belém com sua produção literária. Julie Dorrico surge como uma flor, assim como Aline Rochedo Pachamama e Márcia Mura. Nasce também uma outra criaturinha adorável e guerreira: Aline Ngrehtabare Lopes Kayapó (p. 43-44).*

O primeiro capítulo do livro é justamente sobre as mulheres: “A pobreza é a maior violação dos direitos das mulheres no mundo”, onde a escritora relata suas viagens internacionais representando o Grupo Mulher-Educação Indígena e o contato com mulheres de Beijing, Cairo, África do Sul, Genebra, onde a questão de gênero, raça e classe foi amplamente discutida pelas feministas e líderes mundiais. Eliane através da luta pelas mulheres indígenas se alia aos diversos feminismos ao redor do mundo, com ênfase aos Feminismos Comunitários das Américas, onde a terra representa a mãe, a Mãe Terra, é um corpo-território que sofre violações assim como as mulheres vem sofrendo há séculos pelos diversos patriarcados culturais.

A Literatura Indígena Brasileira faz uma grande crítica à colonização portuguesa e às diversas violências cometidas contra os povos originários do Brasil. Eliane Potiguara narra em diversos gêneros literários a neocolonização que no século XX, através dos ciclos econômicos de expansão do país, forçou a migração dos povos indígenas para as cidades e centros urbanos, desterrando-os de seus territórios sagrados e os levando a

ocupar as periferias, como aconteceu com a própria Eliane, migrante e periférica, mais uma entre milhares de indígenas em contexto urbano.

O IBGE vem demonstrando que a autodeclaração de pessoas indígenas cresceu exponencialmente nos últimos anos. Ser indígena no Brasil não é ter fenótipo, e sim, pertencimento e descendência étnica. A demarcação territorial ainda não trouxe a segurança necessária, pois o agronegócio defende a tese de um marco temporal para os indígenas apenas a partir de 1988, ano da Constituição Brasileira, de algumas terras indígenas em reservas ambientais e aldeias. Porém, o Movimento Indígena contesta esse marco temporal, reafirmando a data a partir de 1500, ano da primeira invasão colonial portuguesa. Aliás, os povos indígenas já habitavam o território há cerca de quatro mil anos. Contudo, a luta pelos territórios continua.

O segundo capítulo é um questionamento: “Existe racismo no Brasil? “, outro tema presente na Literatura Indígena e que a escritora sempre aproxima da luta do Movimento Negro. Estamos falando aqui justamente de pós-colonialismo e identidades. Quem é indígena no Brasil? Quem é negro no Brasil? A miscigenação forçada não impediu que as relações étnico-raciais sigam marcadas pela prática do racismo, excluindo os descendentes desses povos dos direitos plenos e de suas cidadanias. O acesso à educação e o direito a uma aprendizagem bilíngue é outra pauta defendida pela educadora potiguara em prosa e verso.

“Cânticos poéticos de resistência étnica” é o terceiro capítulo, onde a poesia de Elaine Potiguara é apresentada em versos livres e longos, como a mesma diz em um dos poemas: “É, escrevemos longo sim.../Porque tudo que temos a contar/Nesses séculos de silêncio/Não foi possível ainda narrar...” (p.100). A poética de Potiguara remete à oralidade e ao desejo do domínio da escrita literária, justificando assim a sua necessidade de transitar por diversos gêneros literários para expressar o desejo de comunicar e ser compreendida. O ritmo dos poemas também remete aos cantos indígenas, cantos de luta, guerra, lamento, dor, mas também, cantos de amor, desejo, família, comunidade, libelos pela paz mundial.

*O Vento Espalha Minha Voz Originária* tem um tom de cansaço e despedida. Pelo avançar da idade, Eliane Potiguara tem o desejo de relatar suas memórias na intensa caminhada que a constituiu na mulher que representa para o Movimento Indígena. No capítulo quatro: “Citações: ancestralidade e dores”, ela faz uma lista com citações

próprias que aparecem ao longo do livro, retiradas também de *Metade cara, metade máscara*, criando assim memórias para os filhos e netos que sempre são reverenciados na sua escrita:

Tantas letras posso segurar na arte  
Eu posso escrever o que quiser  
O voo da águia, o grito do jaguar, a alma da loba  
O renascer da alma  
A arte que grita  
A liberdade que espera...  
Ou chega de opressão e violência nesta terra!  
(p. 119)

Encerrando o livro, o quinto capítulo traz mais uma inovação: a inclusão de uma lenda: “A lenda do dia e da noite”, uma história feita de diálogos entre as crianças Tajira e Poti e a mãe delas que, ao responder seus questionamentos, vai contando o mito do povo Karajá sobre a criação do dia e da noite. Ao longo do capítulo, a mãe das crianças também conta sobre outros mitos de criação do mundo, segundo outras etnias indígenas, assim como de outros continentes.:

Os pássaros, as árvores, as matas, o barro, a terra, os rios, os mares, as pedras, as chuvas, as lendas, enfim, a natureza é a maior herança do povo indígena seja ele qual for! A cultura indígena é um lindo exemplo de relação das pessoas com a natureza! E há milhares de mitos que mostram muita sabedoria” (p. 129)

Eliane Potiguara, em 2005, foi indicada ao Prêmio Internacional “Mil Mulheres ao Prêmio Nobel da Paz”, reconhecida como uma mulher indígena que alia a sua voz a todas outras mulheres que sofrem opressão ao redor do mundo. Ela também ganhou o Prêmio Literário do PEN CLUB da Inglaterra e do Fundo livre de Expressão, nos Estados Unidos, pela atuação política do livro *A Terra É a Mãe do Índio* (1989), texto traduzido para o inglês e que foi tese de dois mestrados (Índia e Estados Unidos), no tema ecofeminismo.

Finalizar o livro trazendo uma história para crianças é uma forma de marcar sua trajetória literária diversa, atingindo todos os públicos, como uma verdadeira educadora freiriana. Em, 1994, ela ganhou o financiamento da Unesco para a publicação de *Akajutibirô, Terra do Índio Potiguara*, cartilha de apoio à alfabetização para adultos e crianças, produto de uma preocupação que ela sempre teve em preservar as línguas indígenas. Durante a escrita dessa resenha, a escritora publicou mais um livro: *Questão Indígena: Visto Minha Pele sem Medo* (2024), um livro de ensaios da coleção

“Inquietações Contemporâneas”, provando assim que, para Eliane Potiguara, o futuro é ancestral.

**Ana Dos Santos**

Poetisa e Doutoranda em Letras da UFRGS

e-mail: [ana.flordolacio@gmail.com](mailto:ana.flordolacio@gmail.com)